

[Texto Original](#)

Subversão no pátio da escola

Lute contra o poder. Derrube o sistema. Mude o mundo.

27-12-2000

"Pedagogia do Oprimido" é um livro profundo e denso do educador brasileiro Paulo Freire. Freire, um revolucionário, ensina que, assim como os opressores têm um sistema organizado de educação que os ensina a ser trabalhadores dóceis, os oprimidos também devem desenvolver sua própria teoria. Freire alerta que a revolução não pode simplesmente derrubar os opressores e colocar os oprimidos em seu lugar. Em vez disso, deve libertar ambos e ensiná-los a enxergar sua própria condição.

Freire critica veementemente o sistema de educação "bancário", no qual os professores "depositam" fatos nos alunos até o ponto em que eles têm medo de pensar por si mesmos. Em vez disso, ele defende um sistema em que a linha entre professor e aluno se desfça. Assim, o professor-aluno e os alunos-professores trabalham juntos na descoberta da verdade e do mundo.

Embora Freire estivesse falando sobre os camponeses no Brasil, muitos traçaram paralelos com o sistema educacional americano. Sobre o assunto, William Loughborough comenta:

Para mim, a escola era semelhante a estar na prisão, apenas algo pelo qual éramos obrigados a passar sem um fim específico. A certificação não é uma razão suficiente para o aprisionamento mental, mas é o que temos...

E, claro, é verdade, embora nem sempre gostemos de admitir. Em vez de sermos ensinados a trabalhar duro, como no Brasil, o sistema educacional americano é mais como uma linha de produção. Começamos como bebês, cheios das imagens de massa que nos são alimentadas pela TV, pelas embalagens, pelas placas, pelas paredes. Lentamente, à medida que crescemos, continuamos o hábito. Esperamos que tudo venha até nós e aceitamos como nosso. Em nosso sistema educacional, nossos professores, treinados da mesma forma, nos alimentam com fatos e números, assim como nossos pais nos davam mamadeiras. Assim, somos perfeitamente treinados para o resultado que o país espera de nós: nos tornamos gerentes intermediários carimbando papéis e passando-os adiante, dia após dia.

O que mais se poderia esperar de uma criança que nunca pensou por si mesma?

Alguns trechos das Referências do Aaron

Páginas 67 e 68 de [Pedagogia do Oprimido](#) de [Paulo Freire](#)

Na concepção "bancária" que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da "cultura do silêncio", a "educação" "bancária" mantém e estimula a contradição.

Daí, então, que nela:

- a) o educador é o que educa; os educandos, os que são educados;
- b) o educador é o que sabe; os educandos, os que não sabem;
- c) o educador é o que pensa; os educandos, os pensados;
- d) o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente;
- e) o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados;
- f) o educador é o que opta e prescreve sua opção; os educandos os que seguem a prescrição;
- g) o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador;
- h) o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele;
- i) o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educandos; estes devem adaptar-se às determinações daquele;
- j) o educador, finalmente, é o sujeito do processo; os educandos, meros objetos.

Se o educador é o que sabe, se os educandos são os que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de "experiência feito" para ser de experiência narrada ou transmitida. Não é de estranhar, pois, que nesta visão "bancária" da educação, os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele. Como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos.

[Blog](#) de [William Loughborough](#)

Perfil: Nascido em 3 de janeiro de 1926, falecido em 7 de abril de 2010.

William Loughborough foi estudante de engenharia elétrica no MIT e especialista em radar da Marinha durante a Segunda Guerra Mundial. No entanto, ele é mais conhecido por suas diversas atividades musicais. Entre 1940 e 1960, ele foi mais ativo no jazz, tocando com Bunk Johnson e Chet Baker. Nessa época, ele trabalhou com Harry Partch e construiu seu instrumento chamado Marimba Eroica. Em 1954, ele projetou e inventou um instrumento de percussão chamado [Boo Bam](#), além de vários outros.